

## ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO E POLÍTICAS PÚBLICAS: PENSANDO ESTRATÉGIAS DE CUIDADO EM REDE

Coordenador: Analice de Lima Palombini

Autor: Ana Carolina Brondani e Cecília Suñe Novosat

A discussão explorada neste texto surge a partir da vivência como acompanhante terapêutica pelo Projeto AtnaRede. O projeto, ligado ao Instituto de Psicologia da UFRGS desde 1998, opera como projeto de ensino, pesquisa e extensão em torno da prática do Acompanhamento Terapêutico (AT). Em parceria com serviços de assistência social, saúde e justiça do município, acolhe demandas oriundas desses serviços, com os quais mantém uma interlocução, no sentido de abrir espaço para discussão dos casos propostos para AT. O projeto é composto por estagiários de psicologia, extensionistas, residentes de saúde mental coletiva e mestrandos de psicologia e áreas afins. Conta com um espaço semanal de supervisão na universidade e prevê a participação em reuniões de rede e com as equipes dos serviços parceiros. Desta forma, o projeto se coloca como mais um ponto nessa rede de serviços para pensar e compor o trabalho. Muitos dos casos que acompanhamos estão vinculados a mais de um serviço, fazendo com que reuniões com esses outros atores se torne parte importante do trabalho do AT.

Nos últimos anos, o ATnaRede tem testemunhado algo que surge na própria relação que se estabelece entre tais serviços. Frequentemente, a rede de cuidados que se propõe usuário-centrada corre o risco de tornar o “usuário-cercado” por um emaranhado de serviços e setores das políticas públicas que, buscando atender à população, acabam por fazer submergir a singularidade dos sujeitos a quem se pretende acompanhar, ao ponto de tornar um desafio localizá-los em meio a essa trama e acompanhar o fio de suas histórias. Por outro lado, a vigência, na cidade, de práticas divisoras, ergue muros invisíveis a separar loucos e normais, doentes e sãos, negros e brancos, miseráveis e endinheirados, de tal forma que, muitas vezes, a tessitura de uma rede de cuidado se vê interrompida e inviabilizada.

Ao mesmo tempo em que o AT é uma via possível, às vezes a única, de aproximação aos sujeitos que resistem a ser capturados por essa teia institucional, corre o risco de se tornar, também, instrumento de captura. A experiência desse risco constitui-se em ferramenta potente de formação profissional para o trabalho intersetorial em saúde mental e investe o AT da possibilidade de operar, na relação com os serviços implicados no acompanhamento de um usuário, um modo de construção do caso.

Atualmente, o projeto acompanha semanalmente 21 casos vinculados a serviços da rede de assistência social, justiça, saúde e saúde mental. No acompanhar destes casos pudemos observar o quanto o AT se coloca como vínculo possível a sujeitos dos quais os serviços não conseguem mais se ocupar ou não chegam a acessar. Dessa forma, o vínculo com esses sujeitos se torna ferramenta para junto desses

serviços poder articular o cuidado em rede.